

Ceará



## Cuidar, plantar e colher: a experiência familiar de Jaci e Tomás com a chegada das tecnologias de convivência com o semiárido

Maria Jacilde dos Santos, conhecida como Jaci, e seu companheiro, Francisco Tomás dos Santos, são filhos de agricultores. Nasceram e cresceram na comunidade Sangrada, no município de Trairi (CE), onde hoje vivem e criam seus dois filhos: José Jorge, de 15 anos e João Hugo, de 5 anos.

Construíram sua casa bem próximo a casa de sua mãe. “Naquele tempo, o local era bem diferente, tudo seco, muito mato e longe da água”, lembra Jaci.

Aos poucos, Jaci e Tomás começaram a preparar a terra e plantar ao redor de casa: o caju, as bananeiras e as mangueiras. Todos os anos o casal plantava um pouco mais, mesmo enfrentando as dificuldades de acesso à água.

“Quando meu menino mais velho, Jorge, era pequeno, teve um ano que não tinha água em canto nenhum dessa região. A gente precisava pegar na Várzea ou no Bacumixá, comunidades que ficam aqui perto, tinha muita gente para tirar da mesma



água”, lembra Jaci. Houve períodos em que a família não tinha água sequer para o preparo de alimentos básicos como o mingau das crianças. A agricultora conta que utilizava água do banho das crianças e a de lavar as louças para aguar os canteiros de plantas medicinais usadas no cuidado dos filhos quando adoeciam.

### A CHEGADA DA CISTERNA

Jaci explica que a vida começou a mudar com a chegada da primeira cisterna em 2012, agora a família conseguia armazenar água durante o inverno e usar carros-pipa somente quando a água faltasse. “Com a chegada da cisterna calçadão, com o P1+2, não faltou mais cebola e um pé de pimentão na minha cozinha, antes a gente não podia plantar nada”, conta com orgulho a agricultora.



Hoje, a produção do quintal chama a atenção de toda a vizinhança. O casal cultiva milho, feijão, macaxeira, gergelim, melancia, batata doce, mandioca e maniva. Na horta, Jaci planta couve-manteiga, cheiro-verde, coentro, tomate, pimentão e pimenta. Além disso, o quintal conta com diversas frutíferas, como manga, maracujá, coqueiro, abacaxi, graviola, amora, goiaba e acerola. “Aqui tem umas 40 galinhas para produção de ovos, além dos capotes, cabras, vaca, porcos, já os bois, João, meu filho pequeno, diz que são

dele”, explica Jaci.

A produção é voltada para o autoconsumo e segurança alimentar da família. Jaci, afirma com satisfação: “tudo que a gente tem é pra consumo da casa. Mas, se alguém quiser, eu dou. As galinhas eu crio para o consumo”.

A agricultora já participou de intercâmbios com outras famílias agricultoras através do P1+2, onde fez amizades e aprendeu novas técnicas, a exemplo de como fazer mudas através da enxertia, visto na comunidade Lagoa da Cruz. “Uma coisa que eu achei engraçado foi como eles fazem as mudas das plantas, tipo a muda da goiabeira, ele amarra lá uma parte da goiaba, raspa o pé, amarra, depois já corta o galhinho seco, já é a muda”, lembra o aprendizado.



Jaci fala da origem de seu nome com orgulho, ela conta que significa “índia”, demonstra uma imensa alegria e prazer no trabalho que realiza com a família. “O que eu mais gosto é cuidar dos meus bichos, das galinhas, me sinto feliz no meio das minhas plantas, podendo cuidar, plantar e colher”, conta a agricultora.

A história de Jaci, Tomás e de seus dois filhos se soma a de outras famílias do Semiárido que viram sua realidade ser transformada: de um cenário marcado pela escassez de água por outro de diversificação da produção após a chegada das tecnologias de armazenamento de água.

